

Palestra proferida a 10 de Julho de 1992, na abertura dos Estudos Gerais da Arrábida, organizados pela Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, no Convento da Arrábida

As descobertas, desde a altura da primeira viagem de Colombo (1402-1403) até à altura de Vasco da Gama (1497-1499) e de Magalhães (1519-1522), constituem um marco de precisão pouco habitual na história universal. Numa única geração, os oceanos do mundo foram transformados de barreiras para condutas de actividade humana. Através dela vieram não só pessoas como outros inúmeros organismos, assim como ideias, técnicas e bens. Estes fluxos estabeleceram um novo padrão para as comunicações mundiais, em que todas as partes do globo habitado começaram a comunicar com todas as outras – umas vezes lentamente e com relutância, outras com uma brusquidão catastrófica. Resumindo, as descobertas inauguraram o mundo em que vivemos e ao qual ainda nos esforçamos para nos adaptar.

Já no século XVI se tornara habitual no discurso europeu declarar que não havia acontecimento importante que tivesse uma comparação registada na história, sendo a única excepção a Encarnação de Cristo; e dois séculos mais tarde, com o Iluminismo, escritores como Adam Smith até essa excepção excluíram. Hoje, quinhentos anos depois de Colombo ter inaugurado o encontro entre a Europa e a América, grande parte do mundo está de acordo. E por isso que países como o Japão e a Rússia, que não estavam directamente empenhados nas fases iniciais do processo de abertura dos oceanos ao empreendimento humano, criaram de qualquer modo comissões especiais para comemorar o 500.º aniversário, aderindo assim àquilo que se tornou um acontecimento mundial.

Mas fui convidado para falar sobre o significado das descobertas; e significado é obrigatória e inevitavelmente subjectivo. Na altura, por exemplo, um final bem sucedido para as viagens tinha um significado para Colombo e Vasco da Gama e um significado completamente diferente para os «Índios» que cada um deles encontrou. Os europeus depressa perceberam que ao atravessar o Atlântico tinham descoberto um Novo Mundo; mas para os «Índios» da América, a proeza europeia significava antes um desmembramento catastrófico de um Velho Mundo onde tinham previamente gozado, senão de felicidade, pelo menos de uma familiaridade total.

Para os indianos e asiáticos em geral, a chegada das naus portuguesas ao oceano Índico e mares jusantes não foi tão disruptiva. Sem dúvida que as autoridades políticas locais se depararam com novos e perturbadores estranhos. As naus portuguesas, equipadas com canhões, eram formidáveis, e os portugueses traduziram imediatamente as suas capacidades militares numa perseguição agressiva das vantagens comerciais bastante mais vigorosa do que os comerciantes asiáticos eram

capazes. Mas navegadores estranhos eram sempre perturbadores para os estados virados para a terra, e no princípio os governadores asiáticos não tiveram grandes dificuldades em adaptar os recém-chegados aos padrões antigos de lidar com comerciantes e estranhos.

As influências da presença europeia nas costas asiáticas penetraram para o interior muito lentamente, começando a interferir com os esquemas políticos, militares e económicos estabelecidos – primeiro nas ilhas das especiarias, mais tarde na Índia e eventualmente na própria China. Mas por essa altura os pioneiros portugueses tinham sido ultrapassados pelas empresas comerciais holandesas e inglesas recentemente introduzidas, e a Europa propriamente dita tinha evoluído para um parceiro comercial muito mais formidável do que era o caso no século XVI. No entanto, mesmo nos finais dos séculos XVIII e XIX, quando os asiáticos tiveram mesmo que se acomodar aos europeus, a disrupção da sua sociedade e culturas não foi nada tão drástica como a que tinha ocorrido previamente entre os índios americanos. No entanto, olhando para trás, tanto os asiáticos como os índios americanos encaram a abertura dos caminhos marítimos pelos marinheiros europeus do século XVI não como uma descoberta mas como um desastre, ou pelo menos encaram-na como um mau olhar sobre a grandeza e independência futuras dos seus países.

O significado das descobertas é portanto profundamente controverso, como a dissertação pública provocada pela celebração do 500.º aniversário nos Estados Unidos tornou mais que evidente. No entanto, sinto relutância em admitir que tudo o que se pode dizer sobre o significado das descobertas europeias para a história universal é que vencedores e derrotados nos intercâmbios daí resultantes discordam veementemente sobre como interpretar o que se passou. Pessoalmente, prefiro pensar que depois de quinhentos anos podemos aspirar a um ponto de vista genuinamente global e procurar compreender o que é que o novo regime dos oceanos significou para a humanidade em geral – tanto para os vencedores como para os vencidos.

Não há dúvida que não há nenhuma descrição possível daquilo que aconteceu que a todos satisfaça. Nos Estados Unidos, alguns irados porta-vozes pelos direitos dos índios americanos, incitados por uma mão-cheia de extremistas ecológicos, atiram as culpas da violação de um paraíso americano que nunca existiu para a agressão europeia. Querendo mudar as condições existentes, procuram incutir um sentimento de culpa por entre o elemento dominante da sociedade americana. Do mesmo modo, os nacionalistas indianos (e também alguns historiadores respeitáveis) gostam de culpar os europeus — ingleses, não portugueses — pelo atraso económico da Índia do século XX, incutindo assim outra forma de culpas nos seus dominadores de outrora.

Firmemente baseados nas preocupações e circunstâncias locais, este tipo de porta-vozes não estão realmente preocupados com o globo como um todo nem com uma descrição do que significou a abertura dos caminhos marítimos para a humanidade em geral. E isto que tentarei fazer, embora

eu, também, me baseie num passado local e não possa esperar transcender limitações resultantes inteiramente da minha sensibilidade e ponto de vista. No entanto, a dissociação de identidades de interesse próprio e de grupos locais é um objectivo pelo qual se deve lutar. Um historiador pode tentar manter presentes as experiências de todos os ramos da humanidade e tentar compreender o processo global da mudança acelerada iniciada tão repentinamente nos trinta anos que se seguiram a 1492. De qualquer modo, é essa a minha intenção nesta ocasião.

Deixem-me começar por focar um ponto óbvio. As descobertas europeias foram importantes para o mundo não tanto por si só mas porque a notícia dos primeiros êxitos precipitou uma série interminável de viagens subsequentes. Europeus aventureiros partiram entusiasmados em busca de fortuna fora do seu país, enquanto outros milhares se contentaram com uma vida ingrata de marinheiro de bordo. As primeiras travessias marítimas, como a de Leif Ericson, tinham pouco ou nenhum seguimento e portanto ficaram insignificantes para a história universal porque lhes faltavam as consequências a longo prazo. Por contraste, Colombo, Vasco da Gama e seus navegadores contemporâneos perturbaram os padrões existentes de comunicações através do globo e assim inauguraram os tempos modernos.

Qual era a diferença? Por que é que Leif Ericson e todos os outros navegadores do Velho Mundo que podem ter andado às cegas pelo Atlântico ou Pacífico e chegado às costas americanas antes de 1492 foram triviais para a história da humanidade? Podemos ter a certeza que as viagens transoceânicas sem destino começaram a acontecer assim que a navegação comercial e os barcos de pesca simples começaram a navegar pelas costas do Atlântico e do Pacífico do Velho Mundo. Em latitudes apropriadas, os ventos dominantes e as correntes marítimas levam um barco, jangada ou pedaço de madeira em direcção à América ou para longe das suas costas, tão certo como os mesmos ventos e correntes levaram as naus de Colombo para ocidente e depois novamente para oriente em 1492-1493.

Se têm dúvidas sobre isto, vale a pena sublinhar que uma vez que os esquimós começaram a remar as suas canoas de pele de foca para fora da costa da Gronelândia, uma mão-cheia de «Finnmen» começaram a chegar à costa ocidental da Escócia e no século XVII tinham entrado para a saga literária. Ou ainda, nos quinze anos desde a chegada dos pioneiros americanos à costa de Oregão em 1840 até à abertura legal do Japão à navegação americana em 1855, nada mais nada menos do que três barcos de pesca japoneses foram registados como tendo chegado à costa americana; mas só num caso é que havia alguém vivo a bordo. Esse sobrevivente solitário, um jovem, foi salvo e educado nos Estados Unidos com o resultado inesperado que quando o Japão foi obrigado a abrir os seus portos a navios americanos em 1855, havia um japonês no mundo que sabia inglês, e, após voltar à sua terra natal, se tornou de facto um

tradutor! Tais exemplos provam bastante bem que as travessias marítimas não eram propriamente novidade em 1492, embora tais viagens às cegas, e mesmo o regresso com êxito de Leif Ericson da Vinland (América do Norte), não tenham tido consequências notórias nem de um lado nem do outro do oceano.

Há duas circunstâncias em 1492 que vão longe na explicação da diferença. Primeiro que tudo, Colombo e Vasco da Gama e todos os outros navegadores principais europeus compreendiam o padrão dos ventos e correntes oceânicas suficientemente bem para saber como voltar para trás com mais ou menos precisão. Os ventos do nordeste levavam os navios para ocidente sem qualquer dificuldade, os ventos oeste predominantes das latitudes mais a norte traziam-nos de volta através de mares mais tempestuosos e com ventos mais variáveis e incertos. Se não fossem todos os perigos do Atlântico norte, o tráfego em ambos os sentidos com a América estava tecnicamente ao alcance dos navegadores europeus desde sempre. A viagem mais longa para a Índia e para mais além, às ilhas das especiarias e à costa da China, levava as naus através das paisagens marítimas mais variadas onde os padrões dos ventos eram bastante mais variados; mas também isso era, ou se tornou rapidamente, suficientemente familiar para os navegadores portugueses poderem também contar com um regresso seguro e mais ou menos previsível.

Tais conhecimentos eram muito antigos no oceano Índico, onde os ventos reversíveis da monção tornavam as idas e vindas especialmente fáceis. Mas eram totalmente novos para o Atlântico, tendo sido acumulados ao longo do século XV pelos marinheiros portugueses, conforme iam explorando para sul ao longo da costa africana. Uma vez que o padrão dos ventos atlânticos se tornou conhecido de um número seleccionado de navegadores marítimos, a descoberta europeia da América tornou-se certa. Colombo foi o primeiro a pôr os novos conhecimentos em acção, mas outros tê-lo-iam feito também, e num espaço muito curto de tempo, como demonstra a descoberta do Brasil em 1500 por Alvares Cabral. Mas havia também um segundo factor a contribuir para tornar as descobertas da última década do século XV tão diferentes de quaisquer travessias marítimas anteriores.

Pois em 1493, quando a notícia da primeira viagem de Colombo irrompeu através da Europa, governantes, banqueiros e inúmeras outras personagens de alto e baixo nível estavam a postos e prontos a reagir à perspectiva do ouro e especiarias (e quem sabe a que outras aventuras e vantagens), mobilizando os recursos necessários para viagens subsequentes. Mais ainda, os meios de mobilização de recursos eram muito sensíveis ao sucesso do mercado. O que quer que compensasse em termos e lucros financeiros era energicamente procurado, enquanto as viagens que apenas conduziam a perdas eram raramente repetidas. Isto, por sua vez, reflectia o facto de que a comunidade bancária europeia já estava acostumada a financiar tanto os governos como o comércio internacional. De facto, este tinha aparecido e crescido enormemente através de lucros provenientes de

comércio e minas longínquas, suplementado por arrematadores de impostos.

O financiamento das novas viagens transoceânicas do século XVI e séculos seguintes ajustou-se muito bem aos velhos processos de mobilização de recursos para empreendimentos de grande escala, e rapidamente fortificou o sistema capitalista europeu, fazendo escoar a maior parte dos lucros do novo comércio intercontinental para as mãos de banqueiros e comerciantes que residiam na segurança de locais fora do alcance do fisco dos estados europeus, incluindo, especialmente, o império espanhol de Filipe II. A China e outros povos asiáticos não tinham quaisquer modos comparáveis para isolarem a gestão económica da gestão política. Como resultado, mesmo empreendimentos marítimos massivos como os associados às viagens de Cheng-Ho no oceano Índico (1405-1433) foram interrompidos para sempre por uma decisão isolada tomada no tribunal chinês. Os interesses dos comerciantes não conseguiam influenciar a decisão da burocracia imperial. E portanto a posição dianteira que a China ocupava na navegação dos oceanos murchou tão rapidamente como tinha sido lançada pela mesma burocracia que a acabou, abrindo assim os oceanos da terra aos navegadores europeus cujos barcos, para começar, eram menos e mais pequenos do que as frotas chinesas que tão dramaticamente tinham explorado as costas do oceano Índico entre 1405 e 1433.

A capacidade europeia para mobilizar recursos para empreendimentos intercontinentais não sofreu de tais vulnerabilidades debilitantes nas mãos de qualquer governo ou governante isolado; e a decifração do padrão dos ventos do Atlântico deu aos marinheiros europeus uma capacidade que os navegadores chineses nunca tiveram para atravessar o Pacífico. O resultado foi portanto uma sequência forte e persistente às viagens iniciais que rapidamente alterou as relações mundiais irrevogavelmente, dando às descobertas europeias uma importância única na história universal.



Ao procurar compreender o significado global das descobertas é necessário fazer a distinção entre o seu impacto dentro da zona interactiva da Eurásia e África por um lado, e por outro o impacto muito mais drástico que elas tiveram nos povos das Américas e de outras terras previamente isoladas. Sem dúvida que as descobertas rapidamente alteraram o equilíbrio entre a Europa e o resto do Velho Mundo de um modo bastante drástico. Durante a maior parte da Idade Média o Extremo Ocidente europeu era remoto e atrasado em comparação com as terras do oriente. O centro principal da técnica, riqueza e poder situava-se nas terras do interior islâmico do Médio Oriente entre cerca de 600 e 1000 d.C. Mais tarde, a China tomou a liderança, mantendo-a até algures ao século XV – ou talvez mais. Mas depois de 1500 foi a vez da Europa ocidental se tornar o centro principal da inovação e manejo de novas técnicas.

Os europeus aprenderam muito, especialmente com a China. Aqui jaz a chave para o crescimento do Ocidente, pois tornou-se fácil e natural para os europeus percorrerem as terras costeiras de toda a terra procurando novidades úteis e atraentes que pudessem de qualquer modo ser utilizadas no seu país. Controlando os meios de comunicação, eram livres de estabelecerem ou cortarem relações à sua vontade. Não existiam ameaças externas que impedissem a sua curiosidade e prontidão em experimentar coisas novas. O resultado foi uma acumulação rápida de conhecimentos e técnicas que rapidamente ultrapassaram todo o resto do mundo, e mantiveram um crescimento extraordinário do poder e riqueza na Europa, que durou até aos nossos dias.

Outros povos do Velho Mundo tinham situações menos favoráveis. Sem dúvida que a primeira chegada de barcos europeus agitava algumas vezes o interesse local pelas novidades que estes traziam com eles. Tal facto foi particularmente evidente no Japão, onde as armas de fogo europeias atraíram uma imitação viva, e as missões cristãs também gozaram de uma voga breve no século XVI. Mas mais cedo ou mais tarde, os papéis privilegiados dos europeus nos novos encontros ao longo das costas asiáticas provocaram medos e raivas locais. Os europeus podiam chegar e partir à sua vontade, usando muitas vezes as suas armas superiores para escarnecer os costumes locais com impunidade – ou quase. Nestas circunstâncias, a curiosidade e boas-vindas iniciais (quando existiam) rapidamente se transformaram em hostilidade.

Aqui, mais uma vez, o encerramento do Japão no início do século XVII oferece um exemplo especialmente dramático das atitudes defensivas que se tornaram características de todos os governos e povos asiáticos. Um esforço cuidadoso para manter os padrões de vida existentes parecia mais importante do que tentar compreender ou imitar as novidades que os europeus tinham ao seu dispor. Visto que os europeus se mantinham abertos a mudanças – e de facto a um ritmo cada vez mais acelerado –, o resultado era alargar a distância entre as técnicas e conhecimentos asiáticos e europeus, até que, no século XIX, os estados asiáticos foram relutantemente obrigados a ceder às pressões militares e económicas europeias. Mais uma vez, a abertura do Japão em 1855 é simbólica daquilo que tinha acontecido por essa altura ao equilíbrio do poder, técnica e conhecimentos dentro do Velho Mundo.

Os esforços para afastar a invasão europeia foram muito menos bem sucedidos na Índia, mas mesmo depois da submissão política, as mentes indianas podiam e de facto encerraram-se num casulo, por assim dizer, prestando uma atenção mínima e longínqua aos intrusos europeus, que de facto se tornaram uma nova classe por entre todas as outras classes em que a sociedade indiana sempre tinha estado dividida.

Na África subsariana foi diferente, pois aí uma variedade formidável de doenças tropicais – sendo as predominantes a malária e a febre amarela – mataram os forasteiros da Europa (e Ásia) com tanta regularidade que o continente se manteve por muito tempo imune à penetração de

forasteiros. A única excepção residia no extremo sul onde um clima temperado afastava as doenças tropicais e tornou possível a colonização europeia no Cabo da Boa Esperança. Sem dúvida que mesmo a sociedade tropical africana mudou de modo radical depois de 1500 por causa do desenvolvimento de um comércio de escravos vigoroso que levava milhões de africanos através do Atlântico para trabalhar em plantações de açúcar e noutras coisas horríveis. Mas em África, este comércio era inteiramente gerido por africanos, de modo que os governantes e comerciantes de escravos locais podiam regular a oferta e controlar as condições do comércio.

A imunidade da África tropical à intrusão europeia (e asiática) chama-nos a atenção para o papel das doenças mortais que afectava os encontros humanos no regime dos mares inaugurado pelas descobertas. Este é um assunto que os historiadores apenas começaram a compreender nos últimos quarenta anos, acrescentando um novo nível epidémico e ecológico à nossa compreensão do significado das descobertas para a história universal.

A alteração básica, claro está, foi que as doenças infecciosas podiam viajar por novos caminhos e com mais frequência a bordo das naus que começaram a navegar através dos oceanos do mundo. O efeito nas populações humanas na zona do Velho Mundo com experiência de doenças foi fundamentalmente diferente daquilo que aconteceu às populações sem experiência de doenças das Américas e das outras ilhas previamente isoladas. De facto, não é exagero dizer que uma vulnerabilidade radical às doenças importadas explica o colapso das civilizações de índios americanos, enquanto que no Velho Mundo a exposição a doenças apenas alterou o índice da sua frequência e persistência.

No que diz respeito ao Velho Mundo, o novo regime dos mares provocou inicialmente epidemias mais frequentes, especialmente nos portos principais e terras jusantes. Mas, com o evoluir dos tempos, as infecções tornaram-se endémicas em mais e mais sítios e entre populações cada vez maiores. Conforme isto foi acontecendo, as infecções letais atingiram principalmente os bebés e as crianças. As pessoas de idade produtiva desenvolveram uma maior resistência às infecções por causa da exposição durante a infância. A resultante diminuição de mortes epidémicas nos adultos foi um facto que contribuiu para a promoção do crescimento sistemático da população que se tornou evidente na maior parte do mundo eurasiático (e africano?) depois de 1750.

O impacto demográfico dos novos padrões de interacção humana que as descobertas europeias inauguraram foi portanto relativamente ameno entre as populações do Velho Mundo com experiência de doenças. Os contactos num passado mais longínquo já tinham acostumado os habitantes da zona interactiva da Eurásia a uma grande variedade de doenças, com variações locais que dependiam principalmente do clima. A descoberta da América não teve como resultado a importação de novas infecções demograficamente importantes, mesmo que seja verdade que a sífilis tenha

vindo para a Europa com proveniência da América. A sífilis chamou muito a atenção depois do seu aparecimento repentino em 1494 por causa do seu impacto político, social e moral na sociedade europeia, mas nunca teve grande efeito demográfico, presumivelmente porque a maior parte daqueles que morriam dela teriam provavelmente morrido brevemente de outra coisa, mesmo que não tivesse contraído sífilis.

A alteração gradual, embora significativa, dos regimes de doenças no Velho Mundo, resultantes das descobertas, contrasta impressionantemente com a catástrofe epidemiológica que ocorreu nas Américas e outras ilhas previamente isoladas. De facto, a escala do desastre para as populações de índios americanos requer um acto de imaginação histórica, visto que nada desse género acontece entre nós hoje em dia, e por essa razão só foi compreendida há tão pouco tempo. No entanto, uma investigação histórica cuidada mostra agora que durante os primeiros cento e vinte anos após os contactos iniciais terem tido lugar, qualquer coisa como nove décimos das pessoas que habitavam o México e o Peru em 1492 morreram de doenças infecciosas importadas da Europa e da África. Muitas ilhas das Caraíbas foram totalmente despovoadas, incluindo a base inicial de Colombo, Hispaniola.

Esta mortalidade extraordinária surgiu do facto de as populações índias americanas não possuírem resistências herdadas ou adquiridas para resistirem ao grande leque de infecções a que as populações europeias e africanas se tinham adaptado biológica e culturalmente através de muitos séculos. O resultado foi que uma série de doenças totalmente desconhecidas e muito letais invadiu as partes da América mais densamente habitadas. As perdas de vida massivas e repetidas rapidamente provocaram um medo e desorganização profundos. Os sobreviventes eram incapazes de resistir aos europeus com experiência de doenças. Pequenos exércitos de conquistadores eram portanto capazes de conquistar grandes territórios, e os missionários cristãos acharam fácil converter milhões de sobreviventes, que reconheciam ser de prudência elementar submeterem-se a um Deus que protegia os forasteiros europeus tão eficazmente das doenças que tão rapidamente matavam os infiéis.

Não é exagero dizer que toda a dinâmica da conquista, conversão e estabelecimento europeu no Novo Mundo, dependia da vulnerabilidade epidemiológica dos povos nativos às infecções importadas. Por volta de 1650, a marca destrutiva inicial das doenças importadas já se tinha apagado no México e no Peru, e a população somava cerca de um décimo dos números iniciais. Mas o processo da destruição epidémica persistiu tanto na América do Norte como do Sul onde quer que tivessem lugar contactos entre portadores de doenças e populações sem experiência de doenças. Aquilo que os pioneiros europeus do século XVII na América do Norte consideraram ser uma região inculta e deserta, tinha de facto sido devastada por epidemias que regularmente surpreendiam os primeiros contactos cara a cara entre homens brancos e índios. E tão recentemente



como nos anos de 1950 catástrofes semelhantes continuaram a afectar os povos remotos da selva amazónica e os esquimós do Ártico canadiano.

A migração de organismos doentes, portanto, abriu caminho para a migração de povos e mudanças de fronteiras culturais que trouxeram o Novo Mundo para dentro do círculo da civilização europeia (ou ocidental) entre os séculos XVI e XIX. Deu também uma proeminência extraordinária à escravidão (e culturas) africanas no Novo Mundo, visto que apenas importando africanos com experiência de doenças é que os gestores europeus encontravam a mão-de-obra necessária para manter as minas e plantações do Novo Mundo. De facto, as doenças tropicais importadas de África rapidamente tornaram as planícies da América tropical perigosas para emigrantes europeus, e como resultado muitas das ilhas das Caraíbas e das regiões costeiras do norte do Brasil são agora habitadas principalmente por pessoas de descendência africana.

Ao nível epidemiológico e ecológico da vida, portanto, assim como ao nível cultural e tecnológico, as descobertas europeias desferiram um golpe enorme nos antigos padrões das relações humanas. O ponto de vista de que nenhum acontecimento importante comparável pode ser encontrado na história tem muito que se lhe diga, e será muitas vezes repetido durante as manifestações do 500.º aniversário. No entanto, os historiadores gostam sempre de encontrar precedentes, e mesmo esta transformação extraordinária das relações mundiais não está inteiramente desprovida de paralelo no passado mais remoto. De facto, quando ocorriam alterações de maior nos transportes e comunicações dentro da zona de interacção eurasiática, seguiam-se consequências comparáveis, embora menos massivas e extensas geograficamente. As descobertas marítimas pertencem claramente a essa série, e constituem o pico de um desenvolvimento cujo início se deu tão cedo como o começo da civilização. A sua escala geográfica foi maior; o número de pessoas afectadas foi maior, mas as consequências da alteração das comunicações depois de 1500 não foram fundamentalmente tão diferentes das anteriores.

E esta é a minha tese básica sobre o significado das descobertas europeias para a história universal, e pode parecer um pouco surpreendente para alguns de vós. Deixem-me portanto delinear o que penso serem quatro inovações principais nos padrões das comunicações eurasiáticas, e comparar brevemente as suas consequências com as que se seguiram às descobertas marítimas europeias.

No início, antes dos registos históricos, o homem aprendeu a arte de navegar em boas condições climatéricas. O oceano Índico era a área principal do desenvolvimento desta técnica, e não pode ser atribuída uma data à sua origem. Mas a navegação com boas condições climatéricas apareceu de facto no Mediterrâneo cerca de 4000 a.C., quando ilhas como Creta foram ocupadas pela primeira vez, e a técnica também rapidamente se espalhou para o mar do Sul da China e através das ilhas da Indonésia e do Pacífico Sul. Quanto às consequências, sugiro que o crescimento da primeira civilização em Sumer, no Egito e no vale dos Indus dependia dos

contactos e estímulos à inovação que a navegação de longos percursos com boas condições climatéricas tornava possível. Tanto quanto os arqueólogos conseguem determinar, os sumérios estavam familiarizados com a navegação desde o início do desenvolvimento civilizado na Mesopotâmia, e os mitos sumérios atribuem a origem da sua civilização a povos que vinham do sul por mar, que se tornavam governantes de uma população indígena «de cabeça preta». Não há nada inerentemente improvável em tal história. Mais ainda, os arqueólogos encontraram provas claras de contactos pré-dinásticos entre Sumer e o Egipto utilizando a rota do sul que circundava a Arábia; e ligações semelhantes entre Sumer e a civilização de Indus são também bem fundamentadas, embora apenas a partir de uma data posterior. O crescimento das primeiras civilizações do vale do rio parecem portanto estar plausivelmente ligadas ao desenvolvimento prévio da navegação de longo curso em boas condições climatéricas.

A alteração seguinte, importante em termos comparativos, nos padrões de comunicação, foi resultado da invenção de uma roda e eixo eficazes para carroças e carros. Esta invenção ocorreu ao longo das margens da Mesopotâmia cerca de 1800 a.C. e o resultado foi a propagação das carroças e coches onde quer que os cavalos pudessem florescer,— da Suécia e Bretanha no norte e ocidente até à China no oriente e à Índia no sul. O desfecho foi o aparecimento de novas civilizações: chinesas, indianas, micénicas, cada uma governada por guerreiros que utilizavam carros puxados por cavalos com o novo «design». Outras tecnologias importantes se propagaram também pela zona interactiva da Eurásia recentemente aumentada, sendo a mais proeminente a da metalurgia do bronze. Do mesmo modo se tornou universal a semana de sete dias — uma invenção mesopotâmica, presumivelmente porque estabelecia uma relação fidedigna com as alterações no céu, encaixando-se praticamente com as fases da Lua e exactamente com as «sete luzes móveis do firmamento» — isto é, dedicando um dia ao Sol, outro à Lua e um a cada um dos planetas visíveis a olho nu. A grande inovação seguinte nas comunicações foi o desenvolvimento de caravanas eficazes, capazes de atravessar desertos previamente inóspitos. Este acontecimento ocorreu entre 10 a.C. e 300 d.C., conforme os camelos domésticos se tornaram bestas de carga. Este desenvolvimento centrou-se no Médio Oriente, onde os camelos puxavam de facto carroças como forma corrente de transporte. Visto que esta mudança teve lugar numa altura em que os registos sobreviventes são muito mais completos do que antes, torna-se possível uma comparação mais pormenorizada das suas consequências com as consequências que se seguiram às descobertas marítimas europeias.

Os paralelos são impressionantes. Primeiro e mais óbvio: assim como as descobertas marítimas despoletaram o crescimento da Europa ocidental como líder mundial, também o desenvolvimento das caravanas para atravessar os desertos inaugurou uma era de liderança muçulmana dentro de uma zona alargada de interacção eurasiática e africana. A primazia da terra mãe do Islão do Médio Oriente durou cerca de quatrocentos anos,

aproximadamente de 600 a 1000 d.C.; e daquilo que podemos dizer, a liderança mundial da Europa poderá também ter um prazo semelhante — embora esteja longe de ser certo que já tenha terminado.

Em segundo lugar, atravessar desertos era como atravessar oceanos: ambas as capacidades puseram uma vastidão de novas terras e novas populações em contacto com as regiões principais da zona central interactiva eurasiática. As caravanas de camelos abriram a África a sul do Sara às ligações comerciais e culturais com o mundo islâmico do mesmo modo que a América foi aberta aos europeus depois de 1500. O ouro da África ocidental escoou para norte e ocidente em vastas quantidades sem precedentes, assim como mais tarde a prata e o ouro americanos escoaram para a Europa; e os escravos africanos começaram a desempenhar um papel considerável na sociedade islâmica como mais tarde o fizeram na América. As caravanas também ligavam as terras da estepe da Eurásia e os oásis da Ásia central com os locais principais da civilização de um modo muito mais chegado do que antigamente, do mesmo modo que os navios trariam mais tarde a Austrália e outras ilhas para a rede global de interacção depois de 1500.

Para além disso, trocas importantes de plantas, animais e doenças se seguiram às novas relações estabelecidas pelas caravanas, do mesmo modo que o fizeram as descobertas marítimas. Por exemplo, a cana-de-açúcar, a alfafa, os damascos, as laranjas e outras colheitas úteis chegaram à Europa procedendo do Médio Oriente, onde tinham chegado com proveniência de origens mais distantes. Sem dúvida que estas importações se mantiveram marginais para a Europa, e foram em muito ultrapassadas por aquilo que a travessia marítima mais tarde veio produzir. Pois a propagação das culturas americanas de comestíveis para o Velho Mundo — milho, batata, batata-doce, amendoim, tomate e outras — e a importação complementar das culturas europeias e africanas e animais domésticos para o Novo Mundo eventualmente transformaram as práticas agrícolas dos dois lados do Atlântico. O engrandecimento do fornecimento de provisões que estas trocas permitiram é apenas precedido pela alteração da distribuição das doenças infecciosas na mudança das condições da vida humana.

As caravanas também redistribuíram as doenças dentro das zonas da Eurásia e de África que percorriam. Para a Europa, os dois grandes acontecimentos foram as chamadas pragas antoninas do século II d.C. quando, muito provavelmente, o sarampo e a varicela chegaram pela primeira vez às terras mediterrânicas e poderão ter morto cerca de metade da população do Império Romano; e a inesquecível Morte Negra do século XIV, quando cerca de um quarto da população europeia morreu nuns meros três anos. Estes desastres mórbidos pareceram-se com o que aconteceu aos índios americanos depois de 1500, e de facto europeus armados com resistências que lhes faziam frente depois de 1500.

Por último, a emigração de povos e culturas que se seguiu às descobertas marítimas teve também o seu análogo no mundo das caravanas. A expansão, primeiro dos povos, línguas e culturas árabes e depois das

turcas e mongóis através das estepes e desertos da Eurásia e África pareceram-se com a expansão posterior dos povos, línguas e culturas europeias através dos oceanos. A propagação do Budismo, Cristianismo nestoriano e acima de tudo do Islão ao longo das rotas das caravanas na Ásia e África pareceu-se com a expansão posterior do Cristianismo para a América e outras terras intercontinentais. Num domínio mais puramente intelectual, a propagação da anotação da vírgula decimal e do ábaco que ocorreu em toda a Eurásia por volta de 1000 d.C. pode ser comparada ao modo como a ciência de Newton se espalhou com os navios e missões europeias depois de 1700. Ou em assuntos de tecnologia, considerem como a transferência do compasso, impressão e pólvora da China alterou a sociedade europeia, e comparem essa transformação com o que os métodos industriais europeus, transferidos para o Japão, aí fazem hoje em dia!

Nestas e noutras instâncias, as consequências de atravessar desertos e as consequências de atravessar oceanos parecem ser completamente iguais, mesmo que em praticamente todos os casos a travessia marítima tenha produzido uma desrupção maior nos padrões antigos e tenha afectado maior número de pessoas. Em termos quantitativos, as descobertas europeias permanecem portanto sem paralelo na história da humanidade; mas com respeito a outros aspectos parece justo dizer que representam o pico e a culminação de um processo milenário de intensificações de interacções humanas dentro de uma zona geograficamente em expansão — um processo que atingiu os seus limites geográficos quando as interacções se tornaram globais depois de 1500.

Este, admito-vos, é o quadro ao qual a avaliação histórica do significado das descobertas europeias pertence. É óbvio que cada expansão da zona de interacção criou vencedores e vencidos. Alguns povos prosperaram; outros sofreram desastres quando os padrões de contacto humano mudaram. Pode-se esperar equilibrar os lucros e as perdas para a humanidade como um todo? Talvez não. Os vencidos, especialmente aqueles que desapareceram inteiramente, não podem encontrar compensação para os seus sofrimentos nos empreendimentos subsequentes dos outros.

Por outro lado, também parece aparente que uma aproximação geral à acumulação de melhores técnicas e maior eficácia na perseguição dos objectivos humanos não prevalece nos registos históricos. Cada vez que um melhor modo de fazer alguma coisa nasce na consciência humana, as pessoas apoderar-se-ão dele sempre que possam. Isto muitas vezes implica ajustamentos dolorosos dos modos antigos — ajustamentos que normalmente não são totalmente previstos. De todos os modos, e apesar dos erros que os seres humanos cometem constantemente, permanece claramente uma tendência para aumentar a riqueza e poder humanos, com o resultado que o nicho ecológico que a raça humana ocupa entre as formas de vida do planeta se alargou enormemente através da história registada, tendo--se alargado dramaticamente em séculos recentes.

Estas alterações podem também implicar uma maior desigualdade. É certo que, a curto prazo, quando a exploração de novas técnicas e recursos apenas está no início, os custos e proveitos são distribuídos com muita desigualdade. O espaço entre os vencedores e os derrotados, por outras palavras, alarga-se com qualquer partida radical dos modos antigos de vida. No entanto, isto não contrabalança a tendência, a longo prazo, das técnicas humanas crescerem de modo a que a nossa capacidade de conseguir aquilo que queremos do mundo à nossa volta melhore através dos tempos. Todas as mudanças têm um custo, com pena de alguns, ódio e medo de muitos, mas com muito desejo de outros, e aceite pela maior parte. E isto que faz o curso da história aquilo que é, que foi, e que sem dúvida será – um processo cheio de surpresas mas de todos os modos implicando uma majoração líquida de riqueza e poder sobre a natureza e sobre os outros. Este processo histórico foi enormemente acelerado pelo alcance global dos intercâmbios económicos e culturais durante os últimos quinhentos anos. Novos encontros provocaram novas ideias, invenções e empreendimentos, e a um ritmo cada vez mais acelerado conforme os séculos passavam. Os seres humanos começaram a habitar um mundo em que cada grupo afecta todos os outros quer queiramos quer não. É um mundo de riqueza, de poder e de risco como nunca antes foi.

Mas isto é inerente à condição humana, engrandecido na escala dos tempos antigos, mas no entanto fundamentalmente o mesmo.

Olhando para trás, a carreira humana na terra aparece como uma grande aventura, e uma aventura que está longe de estar acabada. As viagens épicas da década de 1490 desempenharam um papel conspícuo único naquela aventura porque despoletaram a nossa era. Introduziram-nos a nós próprios como somos agora – uma espécie humana única que tenta maximizar as satisfações e minimizar os ferimentos enquanto de um modo ou de outro têm conseguido dar-se bem uns com os outros.

Será que dura para sempre? Sem dúvida que os tempos de destruição total eventualmente lhe porão fim. Mas é uma viagem maravilhosa enquanto dura, e o significado das descobertas europeias para a história universal é que através dos últimos quinhentos anos deram uma nova forma e ritmo a uma viagem maravilhosa que a capacidade humana de aprender novas técnicas manteve desde que os nossos antepassados se tornaram totalmente humanos. Pois foram as descobertas que fizeram do nosso mundo aquilo que é e ao qual estava condenado conforme as técnicas humanas foram aumentando – um todo único e interactivo.